

Menos ouriços e mais raposas

Por **Dani Rodrik**

Valor Econômico, 11.3.2014

Não se ensina a economistas quase nada sobre como optar entre modelos alternativos. O desenvolvimento de novas teorias e testes empíricos é considerado uma ciência, ao passo que o exercício do bom senso exige, claramente, talento e experiência.

Vivemos em um mundo complicado e por isso somos obrigados a simplificá-lo. Nós classificamos as pessoas em torno de nós como amigas ou inimigas; os motivos delas como bons ou maus e atribuímos eventos com raízes complexas a causas imediatas. Esses atalhos nos ajudam a navegar as complexidades da nossa existência social. Eles nos ajudam a formar expectativas sobre as consequências de nossas ações e das dos outros", e assim facilitam as tomadas de decisões.

No entanto, uma vez que tais "modelos mentais" são simplificações, são também equivocados. Podem servir-nos bem para navegarmos em meio a nossas dificuldades diárias, mas excluem muitos detalhes e podem sair pela culatra quando nos encontramos em um ambiente em que nossas próprias definições e explicações preconcebidas não se ajustam perfeitamente. O termo "choque cultural" refere-se a situações em que nossas expectativas sobre o comportamento das pessoas acabam se revelando tão equivocadas que nos vemos abalados pela experiência.

Apesar disso, sem esses atalhos estaríamos perdidos ou ficaríamos paralisados. Não temos a capacidade mental nem mecanismos de compreensão para decifrar integralmente a teia de relações de causa e efeito em nossa existência social. Assim, nosso comportamento e reações diárias são, necessariamente, baseadas em informações incompletas e em modelos mentais ocasionalmente enganosos.

O melhor que a ciência social tem a oferecer é, na verdade, não muito diferente. Os cientistas sociais - e os economistas, em particular - analisam o mundo empregando arcabouços conceituais simples que denominam "modelos". A virtude de tais modelos é que explicitam a cadeia de causas e efeitos, e, portanto, tornam transparentes os pressupostos específicos em que se apoia determinada previsão.

Boa ciência social transforma nossas intuições não examinadas em um mapa de encadeamentos causais. Às vezes, ela mostra como essas intuições levam a resultados surpreendentes e inesperados quando levadas às suas conclusões lógicas.

Arcabouços totalmente genéricos, como o modelo de equilíbrio geral Arrow-Debreu, amado pelos economistas, são tão amplos e abrangentes que resultam totalmente inúteis para a formulação de explicações ou previsões no mundo real. Modelos úteis em ciências sociais são, invariavelmente, simplificações. Eles excluem muitos detalhes para concentrarem-se no aspecto mais relevante de um contexto específico. Modelos matemáticos de economia aplicada são o exemplo mais explícito disso. Mas, sejam ou não formalizadas, narrativas simplificadas são o feijão com arroz dos cientistas sociais.

Analogias históricas estilizadas frequentemente desempenham um papel semelhante. Por exemplo, estudiosos de relações internacionais usam o famoso encontro de Neville Chamberlain com Adolf Hitler em Munique, em 1938, como um modelo de como tentativas de conciliação com um poder focado em expansionismo pode ser inútil (ou perigoso).

É bem fácil manter-se apegado a modelos específicos e não conseguir reconhecer que circunstâncias diferentes exigem modelos distintos.

Assim como outros seres humanos, os cientistas sociais tendem ao excesso de confiança em seu modelo corrente preferido. Eles tendem a exagerar a corroboração do modelo e ignoram novas evidências que o contradigam - um fenômeno conhecido como "tendenciosidade de confirmação".

Em um mundo de circunstâncias novas e mutantes, os cientistas sociais podem causar danos reais ao aplicar o modelo errado. Políticas econômicas neoliberais, baseadas no bom funcionamento dos mercados, não foram bem-sucedidas nos países em desenvolvimento - assim como modelos de planejamento predicados na disponibilidade de burocratas competentes e capazes, não deram resultados positivos em uma época anterior. A teoria dos mercados eficientes levou autoridades econômicas a caminhos errôneos, incentivando-as a implementar desregulamentação financeira excessiva. Sairia caro aplicar a analogia de Munique em 1938 a um conflito internacional específico quando a situação subjacente é mais uma reminiscência de Sarajevo 1914.

Então, como devemos escolher entre simplificações alternativas da realidade? Testes empíricos rigorosos podem, com o tempo, responder diversas questões, entre elas, se a economia americana está, hoje, sofrendo mais de keynesiana falta de demanda ou de incerteza política. Entretanto, muitas vezes precisamos tomar decisões em tempo real sem o suporte de evidências empíricas decisivas. Minha pesquisa sobre diagnósticos de crescimento (com Ricardo Hausmann, Andrés Velasco e outros) é um exemplo desse estilo de trabalho, mostrando como é possível identificar, em um contexto específico, as mais restritivas entre uma infinidade de limitações ao crescimento.

Infelizmente, não se ensina a economistas e outros cientistas sociais praticamente nada sobre como optar entre modelos alternativos. Além disso, esse tipo de aptidão profissional não é recompensada. O desenvolvimento de novas teorias e testes empíricos é considerado uma ciência, ao passo que o exercício do bom senso exige, claramente, talento e experiência.

É famosa a distinção definida pelo filósofo Isaiah Berlin entre dois estilos de pensamento - que ele identificou como o ouriço e a raposa. O ouriço é cativado por uma única grande ideia, que ele aplica invariavelmente. À raposa, em contraste, falta uma grande visão, sustentando, assim, distintos pontos de vista sobre o mundo - alguns deles até mesmo contraditórios.

Podemos sempre prever a postura do ouriço diante de um problema - assim como podemos prever que os "fundamentalistas de mercado" sempre recomendarão mercados mais livres, independentemente da natureza do problema econômico. Raposas trazem teorias antagônicas, possivelmente incompatíveis, em suas cabeças. Elas não prendem-se a uma ideologia particular e sentem maior facilidade em pensar contextualmente.

Estudiosos capazes de transitar entre um arcabouço explicativo e outro conforme exigem as circunstâncias mais provavelmente nos apontarão o rumo certo. O mundo necessita de menos ouriços e mais raposas. **(Tradução de Sergio Blum)**